



Amor no limite”

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Amor no limite. *Opção lacaniana*, São Paulo, 2015, p. 37-42.

Capa e índice disponíveis no final do documento

Resumo

Este texto revisa algumas indicações de Lacan sobre o amor de transferência para, a seguir, examinar a hipótese de J. A. Miller sobre o final de uma análise como ganho de uma satisfação a mais. Finalmente propõe-se uma leitura do final de análise segundo Lacan que incluirá o limite do amor, situado como a palavra de amor, como ponto nodal de sua abertura à contingência e à invenção.

Palavras-chave: Lacan, transferência, amor, final de análise.

Abstract

This paper analyses Lacan's propositions on transference searching to the role of love in the conclusion of the psychoanalytical treatment. Thus it discusses the hypothesis of J.A. Miller about the end of an analysis as a gain of satisfaction. Finally, it proposes the final analysis according to Lacan as the inclusion of the limit of the love relationship as a word. The lover's word are the key point of the new relationship with contingency and invention at the end of an analysis.

Key-words : Lacan, transference, love, conclusion.

I.

O que faz uma análise com o amor? O universo amoroso é tão vasto e complexo que só posso partir de uma partilha: há *nossos amores* a há *nosso modo de amar*. De um lado, os amores que tivemos (e temos) e de outro nosso modo de estar no amor.

Espera-se de uma análise efeitos nestes dois planos. Mas o interessante é que a mudança tão esperada no plano geral do amor, quando acontece, necessariamente é o efeito da mudança em um amor específico, o de transferência. É meio óbvio, mas vale insistir: só haverá mudança em nosso modo de amar (e não nesse ou naquele amor), porque haverá mudança em um amor específico, o de transferência.

Digo *mudança* porque não podemos dizer que uma análise apenas acaba com este amor. Lacan lutou contra a ideia de uma “liquidação” da transferência. Essa tese só caberia se assumíssemos que este amor é falso (só repetição de padrões passados), o que não é o

caso, a transferência é um amor verdadeiro e por isso é difícil falar em liquidá-lo.¹ Afinal, desfazer-se de um amor não é um gesto banal como desligar uma televisão. Amores acabam? Para isso, teríamos que supor que eles, como as pessoas, nascem, vivem e morrem. Ora, a tese de Lacan é que o amor não é um ser, mas o efeito de uma substituição, uma metáfora. O amor é quando no lugar do amado vem a falta, mais especificamente minha falta, quando minha falta passa a ser encarnada pelo amado. Nos tornamos amantes quando passamos de ricos a pobres, carentes.² Pode então haver deslocamento de um objeto amoroso a outro, ou substituição: um novo amor no lugar de um antigo, mas é difícil imaginar a morte do amor, pois há sempre falta em algum lugar.³ É o que dá ao amor seu jeitão fênix, mas também mutante. Ninguém imagina, porém, que o amor de transferência possa se encerrar assim, com sua substituição por outro (mesmo que muitas vezes é o que se tente fazer: colocar um novo analista no lugar do anterior para tentar acabar com o anterior).⁴

II.

A expressão de Lacan para indicar essa mutação no amor de transferência que conclui a análise "do trabalho de transferência à transferência de trabalho" deve, portanto, querer dizer outra coisa, nem metáfora, nem metonímia. O que seria? A proposta de J. A. Miller é clara: a análise traz uma satisfação a mais, uma "homeostase de nível superior". Só que ela não pertence ao campo do amor (e sim do gozo). E mais, essa satisfação não tem, localização precisa. Não tem essência, só existência fora que qualquer relação, por isso a chamamos "gozo do Um". Já o amor sim, tem essência e lugar. Dessa forma esse gozo que existe, mas não tem essência, quase se opõe a ele.⁵ Então, entre o amor de transferência, ancorado na fantasia e essa satisfação qual a articulação? Entendo-a como a participação no campo do amor, do gozo feminino. Assim entendo o tema do surgimento de um "novo amor" ao final de análise (que se destaca da referência de Lacan ao poema do mesmo nome de Rimbaud). Não como um amor a mais, mas uma novidade no amor.⁶ Não será o feminino no sentido do gozo que as mulheres conhecem, mas aquele que nem elas conhecem, apesar de próximas dele, pois fora de esquadro, fora do script, fora da fantasia (o roteiro particular que cada um de nós carrega consigo estipulando o possível e o impossível de seus encontros). Para interrogar como ele "passa a participar" do amor e da fantasia, proponho abordar esta participação a partir da noção de limite. Nossa definição habitual de limite o toma como algo exterior à série que vem limitar. Ele é vivido como um obstáculo, pode ser o ponto de conclusão da série, mas externo a ela. Caminho até atingir o limite e esse "atingir" não inclui na caminhada o que é atingido. No entanto, a partir de algumas indicações de Lacan em seu *Seminário 20, o limite* será situado de modo muito distinto do senso comum.⁷ Ele não é um ponto de chegada, mas definido de saída, explicitamente como aquele elemento que a série, por definição, não poderá incluir. Cada elemento da série se define por poder ser tudo, menos igual ao limite.

III.

Parece a mesma coisa, mas tudo muda. Agora o limite não é exterior e ausente, mas presente a cada ocorrência de um novo elemento, jamais incluído em si, mas coordenando todas as inclusões possíveis. Neste sentido ele é um suplemento, porque não se adiciona e está em exclusão interna com relação à série.

Dessa forma, ele não é mais impedimento e impotência, mas a localização de um impossível, que não é nem dentro, nem fora de alcance. O limite assim instaurado corresponde ao que costumamos chamar de “extração do objeto” que passa a funcionar como causa.⁸

Podemos imaginá-lo em ação em uma série de objetos amorosos. O principal efeito da localização desse limite é que ele *abre* a série, é difícil imaginá-la como uma caminhada que vai topar com um muro. Movemo-nos não mais de modo linear, mais como numa série de ilimitadas trilhas que se entrecruzam sempre evitando o mesmo ponto.⁹

Mas ainda estamos muito no imaginário do caminhante solitário, que faz de sua falta um fetiche. Em vez de um ponto cego, em exclusão interna à série amorosa, ganhamos muito se encarnarmos a função do limite, em exclusão interna ainda, mas não mais como um vazio e sim como algo concreto, presente, uma palavra. Assim, para dar outra cena para essa topologia, quero abordá-la a partir das indicações de Lacan sobre a palavra de amor. O que ele chama de palavra de amor é a "linguagem estúpida do amor que consiste em qualificar subitamente (no último grau do espasmo ou do êxtase, ou ao contrário da rotina) seu parceiro sexual pelo nome de um legume dos mais comuns ou de um animal dos mais repugnantes".¹⁰

Meu *chuchu*, meu *caramujinho*, todos podemos recordar algo do gênero em sua vida amorosa e lembrar a força dessas palavras, que reside exatamente em sua estupidez. Essas palavras de amor, quase sem sentido se opõem às juras de amor (assim como às declarações de amor), que são sempre belas. Estas, dizem o que o amor *poderia ou deveria* ser, já a estupidez da palavra de amor localiza o impossível de nomear, em um nome. É o que abre o casal para o “infinito de nós dois” - como o poeta traduz a série aberta, a ilimitação que um limite em exclusão interna promove.¹¹

IV.

E o amor de transferência? Com certeza a situação não é a mesma, mas quando uma análise é conduzida a ponto de esgotar todos os significantes que sustentavam o amor de transferência, quando todas as juras de amor já se mostraram vãs, algumas palavras ou fragmentos de palavra resistem. Já não encarnam nenhum pacto, apenas selam o impossível do dizer, que é o impossível da relação.

Aquilo que em outra situação é relativamente neutralizado a seguir pela jura de amor, na análise é isolado em toda sua potência. O que parecia uma limitação, o impossível da relação, assim colocado é na verdade uma abertura. Neste ponto, o que se experimenta é uma satisfação sem lugar no sentido (reino das declarações de amor) - aquilo que se apresenta quando o amor de transferência encontra seu *limite* interno. As palavras, tomadas como elementos que não se ordenam em cadeia, trazem à cena um gozo em excesso, não recoberto pelo leque dos possíveis e impossíveis amores da fantasia.

Neste ponto, de uma satisfação nomeada, mas não definida, gostaria de localizar a passagem do inconsciente transferencial como Outra cena, sustentada pela fantasia, ao que J. A. Miller destaca em Lacan como inconsciente real, o aspecto sem essência da experiência do inconsciente, pura abertura.

É essa satisfação que torna vãs as declarações com que sustentávamos nossos amores, incluído neles o amor ao sujeito suposto saber. Os amores serão ainda ditados pela fantasia, mas ganham uma cor bem distinta, pela experiência do possível-contingente, que eles se acrescentou (em lugar do impossível-necessário).

Para alguém tão ancorado no gozo fálico que a fantasia era uma verdadeira prisão, este gozo feminino pode ser alívio. Foi meu caso. Por outro lado, para alguém que tem uma relação mais frouxa com a fantasia, que tende a viver com o parceiro a devastação, a extração do objeto pode ter o efeito de um ordenamento necessário para uma vida amorosa menos sujeita a abismos.

Em ambos os casos, essa satisfação suplementar está no ar como a da certeza de uma surpresa. Amor pelo real? Amor pela contingência? Amor ilimitado? Prefiro guardar o termo "amor" para parcerias mais concretas.

Para concluir, a pergunta: há algo mais a fazer em uma análise depois que se viveu esse limite do amor de transferência e o gozo imprevisto que ele traz? No meu caso houve e envolveu o que chamamos *sinthoma*. Não poderei desenvolver este ponto, mas apenas destacar como este gozo não se confunde com o impossível que a ele abre acesso, pois como tal ele é sem Outro, gozo do Um. Para se referir a este plano, separado da fantasia e do amor transferencial, Lacan convoca o termo *sinthoma*. Ele traduz o puro “choque da linguagem sobre o corpo” é, como define Miller, uma “escrita selvagem de gozo” que, separado da fantasia nada faz além de se reiterar – o que nos orienta menos em direção às palavras ditas e mais às letras com que estas se escrevem.¹²

No que diz respeito ao amor, penso que o impossível prossegue não se escrevendo, afinal, não há cura para o amor, ainda bem. Há, porém, a possibilidade de subversão na vida amorosa, que pode agora ser mantida ao máximo no diapasão deste gozo que está ali em ação, gozo do Um, que ignora a relação e que traz a este campo em vez da paixão neurótica da impotência a santa loucura da improvisação.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Ler um Sintoma

Junho 2015

70

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de *Ornicar?* as seguintes publicações:
Clique, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;
El Psicoanalisis, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;
La Psicoanalisis, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;
Opção Lacaniana, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

FUNDADORES: Antonio Benetì, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Angelina Harari

COORDENAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORAÇÕES: Heloisa Caldas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

DIAGRAMAÇÃO: Angela Mendes e Fabiane Daniels

IMAGEM DA CAPA: Joao Churchill, desenho sobre canson, 2014.

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*
por correio ou desejarem difundi-la, podem dirigir-se à
Redação pelo e-mail opclacantiana@gmail.com.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

70

EDITORIAIS

Marcus André Vieira, O corpo falante – sobre
o inconsciente no século XXI, **3**

Ana Viganó, Marcar os pontos obscuros
de uma luminosidade que engecece, **7**

ORIENTAÇÃO LACANIANA

Jacques-Alain Miller – Ler um sintoma, **13**

O AMOR É O INCONSCIENTE AO FINAL DA ANÁLISE

Maria Josefina Sota Fuentes, Abertura da mesa plenária:
"O amor e o inconsciente ao final da análise", **23**

Ana Lydla Santiago, Metamorfose no amor, **25**

Angelina Harari, Um endereçamento para o amor:
do inconsciente ao real, **29**

Leonardo Gorostiza, O amor, o tempo e uma mulher, **33**

Marcus André Vieira, Amor no limite, **37**

Rômulo Ferreira da Silva, O destino do amor no final da análise, **43**

♦ Apresentado na plenária “O amor e o inconsciente no final da análise” do XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Belo Horizonte, 22/11/14.

¹ Aprendemos com Lacan a valorizar a indicação freudiana de que o amor de transferência é uma neurose a mais. Todo cuidado com o termo "artificial" usado por Freud aqui é pouco, ele indica algo novo, produzido pelo encontro analista analisante e não apenas o reviver de amores passados (cf. “Recordar, repetir, elaborar” (1914). Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, Vol.XII*. Rio de Janeiro: Imago,1996, p. 167 e 170).

² Cf. Lacan, J. O seminário Livro VIII, Rio de Janeiro, JZE, 1988, por exemplo, p. ???

³ Por isso Chico Buarque imagina escafandristas pesquisando em uma cidade submersa do futuro o amor dos já há muito mortos redescobridbo o eco de antigas palavras de amor (fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos, vestígios de estranha civilização) e futuros amantes se amando com os amores do presente (futuros amantes, quiçá se amarão sem saber com o amor que eu um dia deixei pra você). Não se afobe, não / Que nada é pra já / O amor não tem pressa / Ele pode esperar em silêncio / Num fundo de armário / Na posta-restante / Milênios, milênios no ar / E quem sabe, então / O Rio será / Alguma cidade submersa / Os escafandristas virão / Explorar sua casa / Seu quarto, suas coisas / Sua alma, desvãos /

Sábios em vão / Tentarão decifrar / O eco de antigas palavras / Fragmentos de cartas, poemas / Mentiras, retratos / Vestígios de estranha civilização / Não se afobe, não / Que nada é pra já / Amores serão sempre amáveis / Futuros amantes, quiçá / Se amarão sem saber / Com o amor que eu um dia / Deixei pra você.

⁴ Dito de outro modo, do amor de transferência não se sai por substituição, ou seja, por uma operação metafórica. Do mesmo modo, não será por uma metonímia. A metonímia parece mais interessante, o amor de transferência passaria a se apresentar em outros campos, no trabalho, por exemplo. Entretanto, estamos mais diante de uma saída sublimatória do que de uma conclusão.

⁵ “Numa análise que dura o status conceitual do gozo se modifica. Há um status do gozo que é o do excesso, o gozo-excesso. É nesse nível que classicamente aprende-se a fazer a distinção entre prazer e gozo. O prazer traduz um estado de homeostase, que indico por meio de uma flecha que se fecha em círculo (...). Há, porém, um segundo status do gozo que começa no Seminário 20 e está presente em tudo o que se inclui de seu último ensino até sua parte final, o do gozo-satisfação, que difere totalmente do primeiro status. O gozo-satisfação é o restabelecimento de uma homeostase superior. Há um funcionamento que inclui o excesso, que o rotiniza. Lacan o chamou de *sinthoma*. É o que do conceito do *sinthoma* invalida se não o objeto a, ao menos a orientação que deu origem ao objeto a” (Miller, J. A. *Coisas de Fineza, Orientação Lacaniana, 2008-2009, lição de 14/1/2009 e Perspectivas dos Escritos dos Outros Escritos de Lacan*, Riode Janeiro, JZE, 2012, p. 110).

⁶ Lacan, J. O Seminário Livro 20, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 26.

⁷ Estou adaptando, aqui, o tema da “compacidade” em termos de limite (cf. Lacan, *ibid.* p. 17 e Russell, Bertrand. *Introdução à filosofia matemática*. Rio: Zahar, 2007).

⁸ Cf. Miller, J-A. “Algorithmes de la psychanalyse”, *Ornicar? Bulletin périodique du Champ Freudien*, n. 16. Paris, 1978, p. 19-21.

⁹ Assim como o sonho, suas cadeias associativas e seu umbigo.

¹⁰ Lacan está preocupado em destacar como nestes exemplos "a linguagem está desprovida de qualquer significação" mas vale lembrar como é ao mesmo tempo o momento em que mais o gozo está presente. De um lado a senha, nos grafites, de outro a palavra de amor, no facebook, ambas indicações de Lacan para abordar nossos dias (Cf. Lacan, J. “O simbólico, o imaginário e o real”, *Nomes do Pai*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 25).

¹¹ Como canta Vinícius de Moraes em *Minha namorada*.

¹² “Por outro lado, constatamos que a outra face do sintoma é o fato de se repetir. E o que se repete? O que chamei da vez passada de o Um de gozo. Não se trata de algo que se decifre, não é algo sobre o qual a fala opere tal como o faz sobre as formações do inconsciente, pela boa razão de ser como uma escrita selvagem do gozo – adjetivo empregado por Lacan -, ou seja, fora de sistema, é uma escrita do Um sozinho, ao passo que o S2 do qual ele seria correlato é apenas suposto.” *O ser e o Um, A Orientação lacaniana, 2010-2011, lição X.*